

# A EDUCAÇÃO DO CAMPO COMO ESTRATÉGIA DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIARIDO

Maria Sueleuda Pereira da Silva (UESPI)<sup>1</sup>  
Elmo de Souza Lima (UFPI)<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo apresenta as reflexões construídas através da pesquisa realizada no Curso de Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Estadual do Piauí, com o objetivo de investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas pela Escola Família Agrícola Serra da Capivara e suas contribuições para a construção de estratégias de convivência com o Semiárido. Neste trabalho utilizamos a abordagem qualitativa, já que ela apresenta aspectos técnicos e metodológicos que facilitaram a compreensão das práticas educativas dos sujeitos pesquisados. O trabalho fundamentou-se nos estudos teóricos de Malvezzi (2007), Mattos (2004), Martins (2004), Lima (2008), dentre outros. Os resultados desse estudo apontam que a Escola Família Agrícola desenvolve um trabalho voltado para o contexto do Semiárido, possibilitando que os alunos construam novas estratégias de desenvolvimento para a região com base nos princípios da convivência com o Semiárido.

**Palavras chave:** Educação do Campo. Convivência. Semiárido

## ABSTRACT

This article presents the reflections built through research conducted in the Bachelor of Education at the State University of Piauí, in order to investigate the teaching practices developed by the Family Farm School Capivara Mountains and their contributions to the construction of coping strategies with the Semi-Arid. This study used a qualitative approach, since it provides technical and methodological aspects that have facilitated the understanding of the educational practices of individuals. The work was based on theoretical studies of Malvezzi (2007), Matthews (2004), Martins (2004), Lima (2008), among others. The results of this study suggest that the Family Farm School is developing a work focused on the context of Semi-arid, enabling students to build new development strategies for the region based on the principles of coexistence with the Semi-Arid.

**Keywords:** Rural Education. Coexistence. Semi-arid

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela UESPI (Universidade Estadual do Piauí).

<sup>2</sup> Pedagogo, Mestre em Educação e professor da UFPI (Universidade Federal do Piauí). E-mail: elmolima@gmail.com

## **Introdução**

Este trabalho apresenta as principais discussões desenvolvidas na pesquisa realizada durante o Curso de Licenciatura em Pedagogia, teve como objetivo investigar as práticas pedagógicas desenvolvidas pela Escola Família Agrícola Serra da Capivara e suas contribuições para a construção de estratégias de convivência com o Semiárido.

Na realização desse trabalho, utilizamos as contribuições da abordagem qualitativa pois a partir dela as ações foram melhor observadas e compreendidas. Para o levantamento dos dados da pesquisa utilizamos a entrevista semiestruturada e o questionário como principais instrumentos de coleta de dados. O trabalho de pesquisa aconteceu na Escola Família Agrícola Serra da Capivara no município de São Lourenço do Piauí e teve dois professores/as e dois alunos/as como interlocutores do estudo.

### **1. O Semiárido como espaço de possibilidades**

O Semiárido brasileiro é uma região de clima meio árido, marcada pela irregularidade de chuvas, cujo volume varia entre 500 a 700 mm anuais. Constitui-se como o Semiárido mais chuvoso do planeta: a pluviosidade é, em média, 750 mm/ano (variando, dentro da região, de 250 mm/ano a 800 mm/ano). É também o mais populoso, e em nenhum outro as condições de vida são tão precárias como aqui. O subsolo é formado em 70% por rochas cristalinas, rasas, o que dificulta a formação de mananciais perenes e a potabilidade da água, normalmente salinizada. Por isso, a captação da água de chuva é uma das formas mais simples, viáveis e baratas para se viver bem na região (MALVEZZI, 2007).

A cobertura vegetal do Semiárido é a caatinga. No período chuvoso ela fica verde e florida, entretanto, no período normal de estiagem, ela fica seca, adquire uma aparência parda. O Semiárido tem apenas duas estações: a das chuvas e a sem chuvas.

Segundo Malvezzi (2007), a propagação do Semiárido, como clima, sempre foi uma imagem equivocada. Vendeu-se a ideia de uma região árida, não semi-árida, ou seja:

É como se não chovesse, como se o solo estivesse sempre calcinado, como se as matas fossem secas e as estiagens durassem anos. As imagens de migrantes, de crianças raquíticas, do solo estorricado, dos açudes secos, dos

retirantes nas estradas, dos animais mortos, da migração. É um ponto de vista, ao mesmo tempo, real e ideológico, que muitas vezes serve para que se atribua à natureza problemas políticos, sociais e culturais, historicamente construídos (MALVEZZI, 2007, p.14)

Há algum tempo se discute na região sobre a Convivência com o Semiárido. Parte-se do princípio que é possível viver bem e com qualidade de vida mesmo diante das adversidades, basta que se desenvolvam culturas de convivência adequadas ao ambiente. Malvezzi (2007), afirma que no Semiárido brasileiro, essa integração de pessoa e natureza não encontrou uma solução adequada, de modo que o ser humano permaneceu sujeito às variações normais do clima regional. Reafirmando esse pensamento, o autor declara:

O segredo da convivência está em compreender como o clima funciona e adequar-se a ele. Não se trata mais de “acabar com a seca”, mas de adaptar-se de forma inteligente. É preciso interferir no ambiente, é claro, mas respeitando as leis de um ecossistema que, embora frágil, tem riquezas surpreendentes. (MALVEZZI, 2007, p. 13)

Nesse contexto, diversas organizações não governamentais vêm desenvolvendo ações integradas pra o Semiárido, através de projetos nas áreas de recursos hídricos, produtivas e sócio cultural, bem como desenvolvem e apóiam a difusão de métodos, técnicas e procedimentos que contribuem para o fortalecimento da sociedade civil e a participação cidadã na formulação e conquista de políticas apropriadas a região.

## **2. O papel da educação na construção de um novo olhar sobre o Semiárido**

Segundo Malvezzi (2007), a convivência com o Semiárido precisa começar dentro das escolas, modificando-se o processo educacional, o currículo escolar, a metodologia educativa e o próprio material didático. Esse desafio é tão agudo quanto a própria transformação do Semiárido. Para agravar a situação, o poder político e econômico, construído a partir da indústria da seca, se reflete também nas escolas. Não estamos apenas diante de um equívoco educacional, há uma ideologia minuciosamente trabalhada para sustentar mitos e poderes.

Reafirmando o pensamento acima, Mattos (2004) reflete, a educação desenvolvida no Semiárido é construída sobre valores e concepções equivocadas sobre a realidade da região. Uma educação que reproduz em seu currículo uma ideologia preconceituosa e estereotipada que reforça a representação do Semiárido como espaço

de pobreza, miséria e improdutividade, negando todo o potencial dessa região e do seu povo.

Martins (2004), afirma que as ações concretas de transformação da prática educacional no Semiárido brasileiro, baseado na noção de “educação para a convivência com o Semiárido” é acima de tudo, a constatação de que os currículos, os saberes e as práticas escolares, de uma forma geral são demasiadamente descontextualizados é, o que os torna aparentemente um tanto “sem propósito”, e desobrigados de explicarem a serviço de quê e de quem estão.

Interagindo com essa discussão, Lima (2008) defende uma educação que busque contextualizar o ensino-aprendizagem com a cultura local, considerando as potencialidades e limitações do Semiárido, num espaço de promoção do conhecimento, de produção de novos valores e a divulgação de tecnologias apropriadas à realidade semiárida, construindo uma ética de alteridade na relação entre natureza humana e não humana. O autor acrescenta ainda que,

[...] construir uma proposta de educação contextualizada no Semiárido exige que os professores procurem re-aprender a aprender para poder ajudar o seu aluno/a tornar-se um aluno-pesquisador de sua realidade. O aluno/a aprende refletindo sobre sua ação e interagindo no meio social, já o professor, amplia seu olhar sobre o mundo no momento em que se desafia a pensar sobre sua prática no processo de reflexão-na-ação (LIMA, 2008, p. 98).

Sendo assim, o processo de construção da proposta de educação contextualizada no Semiárido não pode limitar-se somente aos aspectos pedagógicos, precisa assumir um caráter político-pedagógico de transformação. Não pode ser um processo educativo desenvolvido de forma mecânica e dentro de quatro paredes sem considerar e envolver os elementos sociais e culturais, que tanto influenciam a vida dos sujeitos sociais (LIMA, 2008).

### **3. As práticas de educação do campo e suas contribuições para a convivência com o Semiárido**

As práticas de educação do campo desenvolvidas no Semiárido piauiense, a partir da experiência da Escola Família Agrícola Serra da Capivara fundamentam-se nos princípios da educação do campo voltada para a convivência com o Semiárido, que permite a implementação de alternativas de desenvolvimento voltada para as

necessidades e desejos dos povos sertanejos, levando em consideração as potencialidades e fragilidades do Semiárido.

Para a realização das análises, organizamos a partir de 03 eixos temáticos: As concepções de convivência com o Semiárido; A educação do campo e a articulação com os saberes locais; As contribuições da Educação do Campo para a convivência com o Semiárido.

### **3.1 As concepções de convivência com o Semiárido**

As discussões realizadas em torno da convivência com o Semiárido têm sempre como referenciais uma alternativa de desenvolvimento que promova a melhoria da qualidade de vida e a cidadania de todas as pessoas, que garanta o uso responsável e a conservação dos recursos naturais e que viabilize iniciativas econômicas apropriadas ao aumento da produção e distribuição de renda, além de desenvolver uma cultura, onde o ser humano e o ambiente natural sejam elementos de um todo integrado. Essas alternativas devem criar a possibilidade de um futuro sustentável para o Semiárido e para a humanidade. Essas concepções também são compartilhadas pelos interlocutores da pesquisa, como constatamos abaixo:

A gente cresceu ouvindo falar em combate a seca, essa compreensão de conviver com o semiárido já é novo pra gente - o velho paradigma. [...] hoje já estamos tendo essa consciência que é preciso não combater a seca, mas aprender a conviver com o fenômeno natural que é da nossa região e que é real. É possível nós convivermos bem com essa situação. Na verdade as conseqüências são mais por falta de políticas públicas, de conhecimento, então, acho que essa escola tem contribuído com isso. Não há como mudar, o sertão não vai virar mar. (P 01).

[...] Conviver, aprender para conviver é uma necessidade mundial. Não é só aprender a conviver com o semiárido, agora nós de fato nos alimentamos de uma terra, do espaço geográfico, terra, ar, água, e esse espaço nós estamos classificando como semiárido, agora como é que eu convivo num espaço que eu não conheço, como é que eu gosto de algo que eu não conheço? Eu não tenho trato, e a verdade é que nós educadores do semiárido não temos trato com o semiárido, eu acho que é importante. (P 02).

Observamos que nos depoimentos dos sujeitos fica expresso que a convivência com o Semiárido requer uma mudança de olhar sobre a realidade do local, assim como novas percepções que ajudem a retirar as culpas atribuídas as condições naturais e olhar o espaço regional com suas características próprias frente às questões estereotipadas que ao longo dos anos se disseminaram junto ao povo do Semiárido.

Essa mudança de olhar aparece bem na fala de P02 quando questiona se é possível conviver com algo que não conhecemos, no caso, que não estudamos não analisamos. Daí o desafio da escola de contribuir para esse conhecimento da realidade local por parte dos seus educandos. Nesse caso, observamos que a compreensão dos sujeitos vai de encontro à concepção de Silva (2006, p.124), quando afirma:

A convivência com o meio ambiente é um imperativo fundamental para o aproveitamento apropriado dos recursos naturais, com a ação humana buscando conciliar ou procurar corrigir as tendências negativas sem agravá-las. Para garantir sua perpetuidade, a população necessita aprender a viver em harmonia com o “código” da natureza do seu meio, buscando a adaptação ao seu *habitat*, e não a partir de uma relação de estranhamento, de destruição ou de combate. É assim com todos os seres vivos, cuja adaptação ao ambiente é requisito fundamental para a sobrevivência.

O autor chama atenção para aquilo que P01 chama de velho paradigma. A relação de estranhamento ou de combate a um fenômeno natural como a seca, não levaria a atitudes conseqüentes e talvez pudesse contribuir para degradação ambiental. Já a perspectiva de convivência leva a uma atitude de aceitação desse fenômeno estabelecendo parâmetros de desenvolvimento que aproveite as potencialidades oferecidas por esse espaço geográfico. Nesse contexto, podemos observar que os professores compreendem que o desconhecimento e a falta de políticas públicas apropriadas à região foram fatores que contribuíram para o agravamento das fragilidades naturais da região Semiárida.

Os alunos interlocutores da pesquisa reforçam o entendimento exposto pelos professores deixando claro que é necessário conhecer para aprender a conviver com região, como destacam:

Conhecer quais são as dificuldade, necessidades que a gente tem no Semiárido e buscar formas da gente poder conviver e passar por esses obstáculos. (A01)

A gente deve se adaptar. Explorando as atividades de uma maneira mais adequada para que se torne uma relação de companheirismo com o Semiárido.(A02)

Diante da compreensão dos sujeitos acima, ressaltamos que o entendimento dos alunos entrevistados reforça aquilo que já foi mencionado quando (A 01) expressa seu entendimento da seguinte forma: “*A gente deve se adaptar. Explorar as atividades de uma maneira mais adequada para que se torne uma relação de companheirismo com o*

*Semiárido*”. A partir desta resposta é possível reafirmar que os interlocutores compreendem a dinâmica da interrelação dos mais variados aspectos que estão relacionados diretamente com o ecossistema Semiárido.

### **3.2 A educação do campo e a articulação com os saberes locais**

As práticas educativas desenvolvidas na Escola Família Agrícola Serra da Capivara se articulam com as ações educativas que se fundamentam na interrelação com os saberes das populações, suas habilidades, seus sentimentos e valores, modos de vida e no jeito de se relacionar com a terra. Nos depoimento abaixo, podemos compreender como ocorre a articulação entre as práticas educativas desenvolvidas na escola e as experiências socioculturais dos alunos:

A pedagogia da alternância, em si já é essa interação pra começar. Porque já pressupõe que você pega a experiência da comunidade e traz pra escola, pega a experiência da escola e retorna pra comunidade, então já é uma troca, uma interação e aí nós temos alguns instrumentos como plano de estudo, que o aluno vai lá à comunidade dele, faz a prática, traz as dúvidas, entrevista a comunidade, a família, traz essas dúvidas pra escola onde elas são tiradas e eles voltam com essas respostas pra comunidade, então isso já é uma interação e já pode dizer que é uma interação sociocultural. Escola mesmo, família no verdadeiro sentido da palavra. (P01).

[...] eles estão tendo esse espaço nos serões aqui na escola, temos tentado fazer esse tipo de debate e acho que são princípios que procuram se encontrar, onde é que nós estamos no discurso, então a gente tá tentando desmistificar isso, são os momentos que eles têm mais discussões, filme, apresentação de artistas. Duda falava uma coisa que eles ficaram olhando assim: olha meu maior arrependimento é ter parado de estudar pra fazer música, eu devia ter estudado e fazendo a música, que pra mim seria melhor, eu tô passando por essa dificuldade, então trazer a realidade de um fato musical, por exemplo, depois a realidade de um fato artístico cultural, trazer a realidade que eles se encontram para poder desmistificar um pouco. (P02).

Como podemos observar nos depoimentos, a pedagogia da alternância desenvolvida pela EFASC, possibilita a interrelação entre a escola e os saberes locais à medida que o educando exercita parte da prática educativa por meio das vivências comunitárias, potencializando o saber local na relação comunidade- escola-comunidade.

A escola, portanto, fortalece os laços com a família, contribuindo para que não haja estranhamentos entre ambas, o que a própria expressão Escola Família procura traduzir, isto é, a família não tem que vir a escola, como ocorre na escola tradicional, mas a relação é de permanente interação.

### 3.3 As práticas alternativas de convivência com o Semiárido

A educação do campo implementada através da EFASC vem desenvolvendo e estimulando práticas educativas no campo que favorecem a disseminação e a ampliação das iniciativas e estratégias de Convivência como o Semiárido, como demonstra os interlocutores da pesquisa quando colocam as contribuições da escola nessa construção.

São muitas, primeiro que a gente tá formando um jovem que vai ser multiplicador em cada comunidade dessas, essa escola acho que ela tem um poder muito grande por ser inclusive escola de território, não é de uma cidade, é de um conjunto de municípios, Nós temos alunos de 14 municípios, então, formando esse jovem, ele vai tendo o conhecimento de como conviver bem com o semiárido [...] ele vai levar essa experiência pra família dele, pro vizinho. Então essa é uma contribuição. A escola tradicional afasta o menino da família [...] Então ele vai se formar para sair do campo, a nossa não, nós estamos formando ele pra ficar no campo. E esse é o diferencial. (P01).

Ela tem contribuído a partir do momento que ela passa a existir no território serra da capivara [...] eles tão buscando aprender mais, é lógico que no geral tem aqueles que não vão se identificar [...] nós vamos se identificar com o trabalho rural, com caprinovinocultura, apicultura, um aspecto muito importante é a quantidade acho que a escola ta abrangendo mais gente e isso também é importante, a nossa escola pública ainda passa por muita dificuldade na região, e há uma dificuldade imensa não só na formação de professores, mas estrutural enfim, questões políticas, partidárias que influenciam direto no fazer pedagógico e acho que escola ganha nesse momento nesse ponto aí tem que continuar fazendo assim, nesse nível de imparcialidade. (P02).

Observamos, a partir dos depoimentos, que a EFASC, apesar de ter apenas três anos de fundação, tem uma expansão significativa no território Serra da Capivara e as práticas educativas realizadas durante os processos de formação dos alunos/as se dão de forma que os tornem multiplicadoras das ações que contribuem positivamente no desenvolvimento de práticas alternativas de convivência com o Semiárido.

Ao analisar os depoimentos dos alunos, verificamos que há uma semelhança entre as idéias sobre as contribuições da escola e as dos professores, como podemos constatar nos dados abaixo:

O colégio de um modo geral é diferenciado dos outros [...] é um colégio que ensina você a conviver com o Semiárido a partir daí você passa a ter uma visão melhor. Aqui você tem meios de sobreviver sem precisar sair pro mundo trabalha. Aqui mesmo você aprende novas coisas que dá pra gente conseguir o que quiser (A01).

A escola vem incentivando que é possível a gente ser bem sucedida no campo [...] A gente vem cada vez mais valorizando o Semiárido, o campo.



Tendo vivência, contato como o solo, com animais e quando a gente gosta, a gente vai cada vez mais se apegando aquilo e valorizando (A 02).

Reconhecemos, portanto que os alunos conseguem dialogar sobre sua realidade compreendendo melhor seu espaço, seus valores, suas crenças, seus modos de vida. Para Silva (2006), os processos formativos, sistêmicos e participativos, são fundamentais para o resgate e a construção de conhecimentos e práticas alternativas. Sendo assim, a formação contextualizada deve servir de instrumento de mudanças de atitudes e valores, a partir de um conhecimento aprofundado da realidade local, induzindo ou fortalecendo as alternativas de convivência.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No decorrer da pesquisa constatamos que o termo convivência com o Semiárido é compreendida na sua essência pelos sujeitos da pesquisa, demonstrando que a Escola Família Agrícola Serra da Capivara desenvolve um trabalho fundamentado nos princípios da educação do campo voltada para a convivência com o Semiárido, que permite a implementação de alternativas de desenvolvimento voltada para as necessidades e desejos dos povos sertanejos, levando em consideração as potencialidades e fragilidades do Semiárido.

Constatamos que as práticas pedagógicas desenvolvidas na EFASC estão voltadas para convivência com o Semiárido, uma vez que é possível perceber que suas ações estão imbuídas pelo desejo de mudanças das concepções tradicionais, que ao longo dos anos contribuíram e incentivaram ações mistificadoras que favoreceu as injustiças sociais, a desigualdade educacional, dentre outras.

Nesse sentido, são práticas que contribuem positivamente para um novo cenário que se concebe o Semiárido enquanto espaço de construção de novas relações de convivência entre os seres humanos e a natureza, com base na sustentabilidade ambiental, e combinando a qualidade de vida das famílias camponesas com o incentivo às atividades econômicas apropriadas.

Constatamos também que as contribuições oferecidas pela EFASC para a construção de novas concepções de desenvolvimento, associado à convivência com o Semiárido na comunidade, estão sendo desenvolvidas à medida que suas práticas pedagógicas estão baseadas na ideia de que é possível e necessário re-construir

conhecimentos e valores que estejam concebidos na qualidade de vida das famílias em equilíbrio com o meio em que vive.

As reflexões desenvolvidas durante a pesquisa trouxeram novos elementos teórico-metodológicos sobre as práticas de educação no campo, desenvolvidas na perspectiva da convivência com o Semiárido, que possibilitou uma maior compreensão acerca da importância de se construir os projetos político pedagógico das escolas do campo voltados para o desenvolvimento de práticas educativas contextualizada no Semiárido.

Sendo assim, os projetos educativos contextualizado no Semiárido possibilitam que o processo de ensino-aprendizagem seja desenvolvido de forma integrada com as vivências socioculturais dos alunos, construindo uma visão holística acerca da realidade na qual os alunos e professores estão inseridos, pois possibilita um diálogo permanente entre o espaço escolar e, conseqüentemente, as vivências cotidianas na comunidade e fora dela.

Dessa forma, entendemos que a educação do campo é uma das estratégias que favorece novas concepções de desenvolvimento para o Semiárido quando é desenvolvida com base nos princípios da convivência. Nessa perspectiva precisamos desenvolver alternativas de convivência proporcionando a aquisição de valores, atitudes, conhecimentos e de novas práticas que contribuem para intensificar o sentimento de pertença numa relação escola-campo-convivência com o Semiárido.

## **REFERÊNCIAS**

EFASC. Escola Família Agrícola Serra da Capivara. **Proposta Pedagógica**. São Lourenço do Piauí, 2008.

\_\_\_\_\_. **Formação continuada de professores no contexto do semi-árido: um diálogo com a pedagogia freiriana**. In: Anais do 9º Encontro de Pesquisa em Educação da ANPED Centro Oeste. Brasília: UNB, 2008a. p. 78-90.

LIMA, Elmo de Souza. **A formação continuada de professores no Semi-árido: valorizando experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos**. 2008. 240f. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

MATTOS, Beatriz & KUSTER, Angela (orgs). **Educação no contexto do semi-árido brasileiro**. Fortaleza: Fundação Konrad Adenauer, 2004.

MARTINS, Josemar e LIMA, R. A. **Educação com Pé no Chão do Sertão**: proposta político-pedagógica para as escolas municipais de Curaçá. Curaçá – BA, 2001.

MALVEZZI, Roberto. **Semi-árido**: Uma Visão Holística. Brasília: Confea, 2007. 140p.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis- RJ, vozes, 2007.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Entre o combate à seca e a convivência com o Semi-árido**: transições paradigmáticas e sustentabilidade do desenvolvimento. 2006. 298 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

SOUZA, Maria Antônia de. Educação do Campo: políticas, práticas pedagógicas e produção científica. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n. 105, p. 1089-1111, set./dez. 2008.